

ESTADO DO PARANÁ

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL

ANÁLISE DA CONJUNTURA AGROPECUÁRIA

SAFRA 2011/12

MANDIOCULTURA

Economista Methodio Groxko
Outubro de 2011

ASPECTOS ECONÔMICOS DA MANDIOCA

A necessidade de aumentar a produção de alimentos para atender a demanda mundial vem estimulando o crescimento dos plantios, principalmente dos produtos da cesta básica. Assim tem sido o comportamento da cultura da mandioca ao longo das últimas décadas. Com base nos dados da organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO - a produção mundial de mandioca continua com um ritmo de crescimento expressivo, passando de 99,1 milhões de toneladas em 1970 para 233,8 milhões de toneladas em 2009. No período entre 1980 e 2009, foi registrado um aumento médio anual de 2,1%, porém nos últimos 5 anos esta taxa cresceu em torno de 4% segundo a FAO.

Evidentemente, dada a facilidade de adaptação da cultura da mandioca, com menor exigência em tecnologia de produção, o maior crescimento nos cultivos está nas

terras dos países africanos. Com liderança absoluta, o continente africano vem aumentando a sua participação na produção de mandioca, tendo alcançado aproximadamente 118 milhões de toneladas, o que corresponde a 51% da produção mundial registrada no ano de 2008. Na sequência, a Ásia, com uma participação de 33% e a América do Sul com 15%.

Na África, segundo a FAO, a mandioca representa a principal fonte alimentícia para cerca de 60% da população. Naqueles países, a mandioca é consumida sob forma "in natura", geralmente cozida. Outra forma do consumo é a farinha, embora em menor escala, devido ao fato de existirem poucas farinheiras em determinados países.

Dada a importância da mandioca no combate à fome, cabe destacar o crescimento desta cultura na Nigéria, que em curto espaço de tempo assumiu a liderança na produção mundial. Seu crescimento foi notório, pois passou de 10 milhões de toneladas em 1970 para 44,6 milhões de toneladas no ano de 2008, portanto, um aumento de 337% nos últimos 38 anos, o que resulta em uma taxa anual de 9%.

Apesar da importância que a cultura da mandioca representa naqueles países, é sabido que a cadeia produtiva carece de investimentos, principalmente em pesquisa agrícola, e na indústria para a produção de produtos modificados e com maior valor agregado. Em sua grande maioria a comercialização ocorre através de quitandas e feiras próximas aos grandes centros consumidores deste produto.

Já na Ásia, ao contrário da África, houve um forte avanço tecnológico agrícola e industrial, principalmente na Tailândia e na Indonésia. Nestes países, os governos investiram grandes volumes de recursos na pesquisa e, ao contrário da África, a produção é destinada basicamente para as grandes indústrias de fécula e também para a transformação em "pellets".

Atualmente, a Tailândia é o terceiro produtor mundial de mandioca em raiz, porém se destaca como principal produtor de fécula e "pellets". Por este fato, a Tailândia continua na liderança das exportações destes produtos, alcançando em média 85 % do volume total comercializado no mercado internacional. Nos últimos anos as exportações tailandesas se situam na faixa de 2 milhões de toneladas de fécula e aproximadamente 10 milhões de toneladas de "pellets", sendo a União Européia o seu principal importador.

Na América do Sul, o Brasil corresponde em média de 70 a 75% da produção, cujo volume é da ordem de 35 milhões de toneladas. Apesar da absoluta liderança do Brasil na América do Sul, sua produção estabilizou-se entre 26 milhões e 27 milhões de toneladas, contra 30 milhões já alcançados em 1970. Neste período em análise, houve um considerável avanço tecnológico, com especial destaque ao Centro Nacional de Pesquisa

de Mandioca e Fruticultura em Cruz das Almas – BA - o Instituto Agronômico de Campinas – SP, da UNESP em Botucatu e o Instituto Agronômico do Paraná – IAPAR – porém, algumas variáveis, como a escassez de mão-de-obra e o alto valor do arrendamento de terras, causam disputas pelo mercado internacional capitaneado pela Tailândia, que representa cerca de 85% das exportações. (Tabela 1)

TABELA 1 – MANDIOCA EM RAIZ – PRODUÇÃO MUNDIAL, PAÍSES SELECIONADOS
(Em milhões de toneladas)

PAÍSES	1970	2000	2004	2005	2006	2007	2008	Part.% 2008	Var.% 1970/ 2008
África	40,5	95,3	108,6	113	117,5	114	118	50,5	191,4
Nigéria	10,2	32	38,2	45,7	35,4	35,4	44,6	19,1	337,3
Rep. Fed. Congo	10,3	32	38,2	38,2	45,7	35,4	44,6	19,1	337,3
Gana	1,5	8,1	9,7	9,7	9,6	9,6	9,7	4,2	546,7
Outros	18,5	39,2	45,7	50,1	47,2	54	48,7	20,8	163,3
Ásia	23,1	49,7	59,3	57,3	67,5	73	78,8	33,7	241,1
Tailândia	3,2	19,1	21,4	16,9	22,6	22,6	27,6	11,8	762,5
Indonésia	10,7	16,1	19,4	19,4	20	20	21,6	90,2	101,9
Outros	9,2	14,5	18,5	21,3	24,9	30,4	29,6	12,7	221,7
América do Sul	34,5	30	33,2	34,5	35,4	35,4	35,5	15,2	2,9
Brasil	30	23,3	24	25,9	26,7	26,6	26,7	11,4	-11
Outros	4,5	6,7	9,2	8,6	8,7	8,8	8,8	3,8	95,6
Outros países	1	1,5	2	2	1,9	1,7	1,5	0,6	50
Total mundial	99,1	176,5	203,1	207,1	222,3	224,1	233,8	100	135,9

Fonte: FAO

Elaboração: SEAB / DERAL

Em termos de balança de oferta e demanda de mandioca em raiz, os dados da FAO indicam que no ano de 2003, a principal forma de consumo foi na alimentação humana com 53%, especialmente em países africanos de baixa renda. Os países que mais consumiram a mandioca "in natura" em 2003 foram o Congo com 273 kg/habitante/ano, Moçambique 254kg e Gana, com 200 kg.

PANORAMA NACIONAL

Dentre os principais países produtores de mandioca, o Brasil ocupa a 2ª colocação no ranking mundial com 26 milhões de toneladas. Esta posição e este volume de produção já se repetiram por algumas décadas, uma vez que após o recorde alcançado em 1970, quando produziu 30 milhões de toneladas, os resultados das safras seguintes não ultrapassaram a 27 milhões de toneladas.

A participação brasileira na produção mundial, que já atingiu 30%, atualmente se situa em média de 11%. Este diferencial é atribuído pela redução da produção, mas especialmente ao forte avanço de plantios em outros países com destaque principalmente da Nigéria que passou nesse período de 10 milhões para 45 milhões de toneladas.

Algumas variáveis como a redução do consumo animal, que foi substituído por rações balanceadas, as mudanças de hábitos alimentares da população que utiliza mais produtos do trigo em detrimento aos derivados da mandioca e ainda a competição de outras culturas mais rentáveis e de menor ciclo, certamente estão impactando para o maior avanço de produção desta cultura.

TABELA 2 – MANDIOCA – BRASIL E PARANÁ – ÁREA E PRODUÇÃO – 2004 A 2011

BRASIL			PARANÁ		PRODUÇÃO	COLOCAÇÃO
Anos	Área (1000 ha)	Produção (1000 t)	Área (ha)	Produção (1000 t)	PR/BR %	PR/BR
2004	1.755	23.927	151	2.966	12,4	3°
2005	1.902	25.872	167	3.347	12,9	3°
2006	1.897	26.639	170	3.800	14,3	3°
2007	1.894	26.541	150	3.400	12,8	3°
2008	1.889	26.703	179	3.900	14,6	3°
2009	1.873	26.031	153	3.660	14,1	2°
2010	1.776	24.303	172	4.013	16,5	2°
2011	1.798	26.537	202	4.597	17,3	2°

Fonte: IBGE, SEAB/ DERAL

PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS

Com a presença em todo o território brasileiro, a cultura da mandioca é explorada em duas modalidades, os cultivos destinados à subsistência ou consumo animal e as lavouras comerciais com grandes extensões, cujo consumo principal são as fecularias ou as farinheiras. Existem ainda pequenas unidades de goma ou de polvilho azedo, geralmente explorados por familiares, o processo de produção é bastante artesanal, inclusive a secagem do produto final ainda é realizada em terreiros próximos às residências.

A região nordeste ainda guarda essa semelhança de exploração artesanal, cuja mão-da obra é essencialmente familiar e predominam as lavouras pequenas. Entretanto, esta região se constitui na maior produtora de mandioca, representando cerca de 33% da produção nacional. Seus principais produtores são a Bahia, Maranhão e Ceará. Destes, a Bahia é o maior produtor e sedia o mais importante centro de pesquisa da EMBRAPA localizado em Cruz das Almas. A produção nordestina se destina basicamente ao consumo humano e a maior parte é transformada em farinha, goma, bijus e tapioca.

O norte também se constitui em grande região produtora e consumidora dos produtos de mandioca. Seu principal produtor é o Pará, que ao longo dos anos ocupa o 1º lugar na produção nacional de mandioca. Nesta região e principalmente no Pará existem centenas de pequenas "casa de farinha", que resultam na maior produção brasileira de farinha e no maior consumo per capita deste produto, chegando a 33 kg/ano. Já o menor consumo é registrado na região sul, com apenas 1 kg por pessoa por ano.

Na região Sudeste se destacam os estados de São Paulo e Minas Gerais. Com menos de 10% da produção nacional de mandioca em raiz, possui o maior centro de comercialização do país, na cidade de São Paulo. Conta também com excelentes centros de pesquisa em Botucatu e Campinas.

A região Sul representa 24% da produção brasileira de mandioca na safra de 2010/11 e conta com maior concentração de indústrias de fécula no país. O estado do Paraná é o principal produtor, responde em média por 70% da produção agrícola na região Sul e contribui com 65 a 70% do volume brasileiro de fécula. Santa Catarina é considerado pioneiro na produção de fécula, porém, atualmente, sua participação é bastante reduzida, uma vez que a maioria das indústrias foi transferida para o estado do Paraná, na década de 80. (Tabela 3)

**TABELA 3 – MANDIOCA – PRINCIPAIS ESTADOS – ÁREA PRODUÇÃO E
PRODUTIVIDADE 2010/11**

REGIÕES / ESTADOS	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PARTICIPAÇÃO %
NORDESTE	768	8.710	11.341	32,8
BAHIA	255	3.459	13.565	13,0
MARANHÃO	207	1.853	8.952	7,0
CEARÁ	86	826	9.605	3,1
OUTROS	220	2.572	11.691	9,7
NORTE	507	7.738	15.262	29,2
PARÁ	298	4.770	16.007	18,0
AMAZONAS	97	968	9.979	3,6
OUTROS	112	2.000	17.857	7,5
SUDESTE	128	2.314	18.078	8,7
MINAS GERAIS	55	784	14.255	3,0
SÃO PAULO	46	1.081	23.500	4,1
OUTROS	27	449	16.630	1,7
CENTRO-OESTE	80	1.374	17.175	5,2
MATO GROSSO DO SUL	30	597	19.900	2,3
MATO GROSSO	29	423	14.586	1,6
OUTROS	21	354	16.857	1,3
SUL	313	6.402	20.454	24,1
PARANÁ	202	4.560	22.574	17,2
RIO GRANDE DO SUL	79	1.264	16.000	4,8
SANTA CATARINA	29	546	18.828	2,1
BRASIL	1.796	26.538	14.776	100,0

Fonte: IBGE, SEAB/DERAL

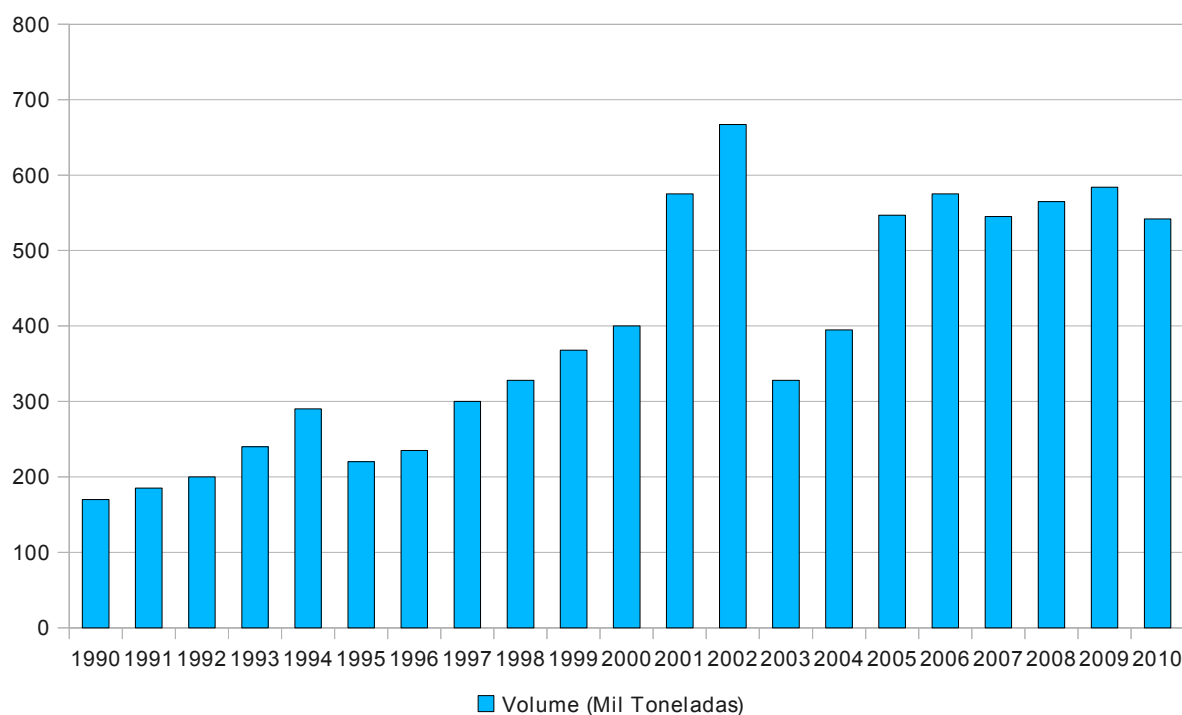
PRODUÇÃO BRASILEIRA DE FÉCULA

As pesquisas realizadas pelos técnicos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CAPEA/ESALQ - confirmam a evolução das indústrias e da produção de fécula nos principais estados. Segundo o CEPEA a capacidade instalada é de 19.673 toneladas raiz por dia, distribuídos entre o Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina.

Nos últimos 6 anos, a capacidade instalada para a produção de fécula no Brasil cresceu de 13.400 t/dia para 19.673t/dia, ou seja, 47%. Cabe destacar que o Paraná contribuiu com 56% destas indústrias e concentra 68% da capacidade instalada total no país. No Paraná, os núcleos regionais de Paranaíba, Umuarama e Toledo detêm a maior parte das indústrias de fécula e também de farinheiras e polvilheiras.

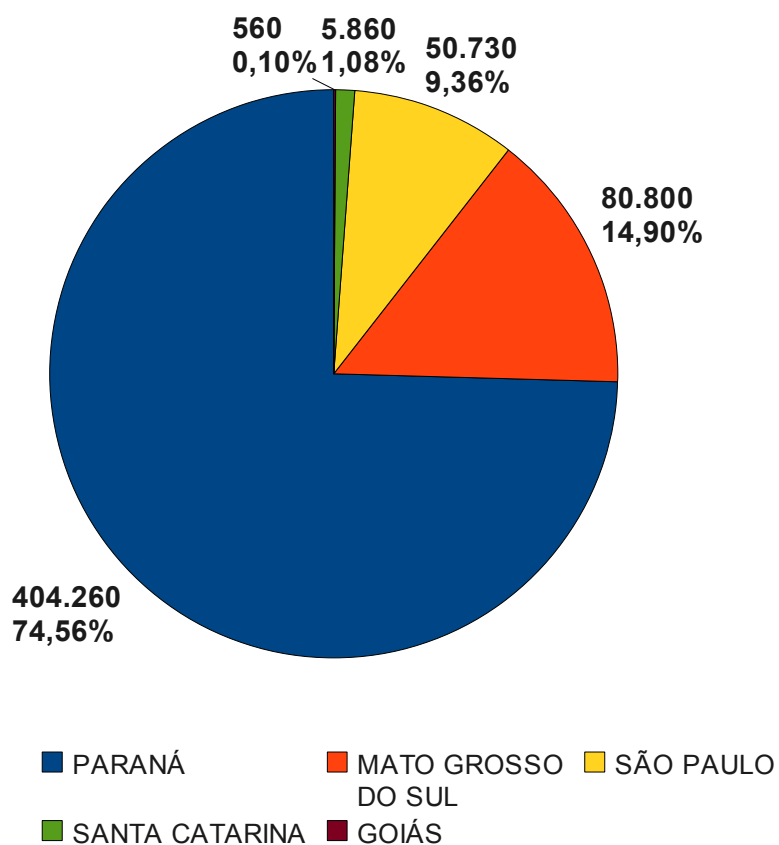
A produção brasileira de fécula vem apresentando uma considerável evolução, pois passou de 170.000 toneladas em 1990 para 583.853 toneladas em 2009. Evidentemente, o destaque cabe ao Paraná, cuja produção foi de 421 mil toneladas, ou seja, uma participação de 71% sobre o volume total de fécula brasileira. (Gráficos 1 e 2)

GRÁFICO 1 - FÉCULA DE MANDIOCA BRASILEIRA



Fonte: CEPEA, ABAM, SEAB/DERAL

PRODUÇÃO DE FÉCULA NOS PRINCIPAIS ESTADOS (2010) - TONELADAS



Fonte: CEPEA, SEAB/DERAL

TABELA 3 – FÉCULA DE MANDIOCA – PRODUÇÃO EM ESTADOS SELECIONADOS (2010)

ESTADOS	PRODUÇÃO (t)	PERCENTUAL
PARANÁ	404.260	74,6
MATO GROSSO DO SUL	80.800	14,9
SÃO PAULO	50.730	9,4
SANTA CATARINA	5.860	1,1
GOIÁS	560	0,1
BRASIL	542.210	100

Fonte: CEPEA, SEAB/DERAL

DEMANDA BRASILEIRA DE FÉCULA

Como a produção brasileira de fécula destina-se basicamente ao mercado interno com mais de 95%, fica evidente a crescente demanda durante os últimos anos, uma vez que o volume produzido deste produto passou de 170 mil toneladas em 1990 para 584 mil toneladas em 2009. Os setores que mais utilizam a fécula são os frigoríficos, a indústria de papel e papelão e a de massas alimentícias como biscoitos, panificação e pão-de-queijo.

Estima-se que cerca de 25 a 30% da produção de fécula seja modificada através de química feita em produtos de maior valor agregado. Esses produtos também são consumidos em sua maioria pelo mercado interno.

**TABELA 4 – FÉCULA DE MANDIOCA – PRINCIPAIS COMPRADORES NO BRASIL
(2004-2010)**

CONSUMO %	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Frigoríficos	18,4	13,0	19,5	23,7	13,5	16,3	17,3
Papel/Papelão	20,6	24,6	26,3	19,7	23,5	23,8	20,0
Atacadistas	18,0	15,2	16,8	16,6	21,8	19,8	29,4
Massas/ Biscoitos/ Panificação	10,0	27,8	14,5	14,1	22,5	18,7	14,4
Têxtil	3,8	1,1	4,9	4,9	3,8	2,2	2,3
Indústria química	9,8	4,5	6,6	3,4	3,8	2,6	2,9
Varejistas	5,9	4,9	4,8	3,2	3,8	2,7	3,8
Outras fecularias	11,4	4,6	3,1	2,9	2,9	5,1	6,4
Outros	1,3	3,9	3,1	11,5	5,1	8,9	3,4
Exportações	-	0,3	0,4	-	n.d	n.d	n.d

Fonte: CEPEA, SEAB/DERAL

MERCADO INTERNACIONAL DE FÉCULA

Os maiores volumes exportados de fécula e de "pellets" continuam liderados pela Tailândia, que detém em média de 80 a 85% do volume total comercializado no mercado internacional. Apesar de alguns problemas enfrentados pelos produtores tailandeses com pragas e doenças, na última safra.

Conforme dados da Thai Starch Association (TTSA) a menor oferta elevou os

preços da fécula. Durante a última semana de julho/2010, o valor médio da fécula de mandioca, base Bangkok, chegou a US\$ 620,00/t. Durante o mês de julho/2011, o valor situou-se próximo a média de US\$ 475,00/t.

O Brasil vem conquistando o seu espaço no mercado internacional de fécula, porém, é preciso baixar os custos de produção via aumento de produtividade agrícola e manter o fornecimento regular aos países importadores. Mesmo com a queda recente nas cotações da fécula tailandesa, a diferença dos preços no Brasil ainda supera em média de 30%, o que resulta em baixos volumes exportados. (Tabela 5)

TABELA 5 – FÉCULA – PRINCIPAIS EXPORTADORES – 2010

ESTADOS	QUANTIDADE (t)	VALOR – US\$ FOB	PARTICIPAÇÃO %
PARANÁ	2.201	2.273.006	42,0
SÃO PAULO	741	689.008	12,8
PARÁ	35	34.068	0,6
MATO GROSSO DO SUL	1.528	1.033.919	19,2
SANTA CATARINA	1.323	1.163.556	21,6
OUTROS	156	207.926	3,8
BRASIL	5.984	5.401.563	100

Fonte: MDIC, SEAB/DERAL

PANORAMA ESTADUAL

O Paraná apresentou a maior evolução nos níveis de produção da mandioca, passando de 8º lugar para o 2º no ranking nacional. Este crescimento já ultrapassou o estado da Bahia, que mantinha larga diferença durante vários anos e, na atual safra, a estimativa de produção aproxima com o Pará que, por uma pequena diferença, ocupa a primeira posição. Motivado pelo fato de alcançar melhores produtividades agrícolas e a necessidade de abastecer o crescente parque nacional industrial.

Na safra de 2010/11, o Paraná cultivou cerca de 202.000 hectares com mandioca, o que poderá resultar em 4.560.000 toneladas de raiz, caso as lavouras sejam colhidas integralmente. Durante as safras em que os preços de comercialização não são satisfatórios, os produtores paranaenses costumam deixar cerca de 30% das lavouras para o 2º ciclo.

A mandioca em nosso estado é cultivada com duas finalidades: para atender o consumo industrial, que representa a maior parcela, podendo atingir até 70% da produção

de raiz e a menor parcela que é destinada à alimentação animal e humana.

As maiores áreas com a exploração da mandioca estão localizadas nas regiões noroeste, centro-oeste e oeste do Estado, embora o seu cultivo se faça presente em todos os demais municípios. Sua concentração maior está nos Núcleos Regionais de Umuarama, Paranavaí, Toledo e Campo Mourão. Nestes regionais, a exploração é mais tecnicada, com objetivos de produção comercial, adotando-se manivas selecionadas, adubação adequada e também algum tipo de assistência técnica, oficial ou privada. Nestas regionais de melhor uso tecnológico, os produtores conseguem boas produtividades, chegando à média de 22.000 kg/ha nas lavouras de um ciclo e 33.000 kg/ha nas lavouras de dois ciclos. (Tabela 6)

TABELA 6 – MANDIOCA – ÁREA E PRODUÇÃO NOS PRINCIPAIS NÚCLEOS REGIONAIS

NÚCLEOS REGIONAIS	SAFRA 2010/2011		SAFRA 2011/2012		Part. %
	Área(1000ha)	Produção(1000 t)	Área(1000ha)	Produção(1000t)	
UMUARAMA	59	1.300	59	1.300	30,0
PARANAÍ	56	1.332	51	1.086	25,0
TOLEDO	20	587	20	580	13,0
CAMPO MOURÃO	18	328	18	333	8,0
CASCAVEL	12	338	12	338	8,0
OUTROS	37	715	36	715	16,0
TOTAL PR	202	4.600	196	4.352	100

Fonte: SEAB/DERAL

MÃO DE OBRA

Das culturas exploradas em nosso estado, a mandioca se destaca como a grande demandadora de mão de obra que também é o fator que mais onera o custo de produção. Este item vem preocupando os produtores de mandioca, pois com a redução das áreas de café, a migração do algodão para o Brasil Central e a expansão das culturas mecanizadas, os trabalhadores foram obrigados a deixar o campo.

Com a reduzida disponibilidade de mão-de-obra no campo e como o plantio de

mandioca não está totalmente mecanizado, este fato começa a preocupar principalmente aqueles que não contam com ajuda familiar ou cultivam com grandes extensões. Além da escassez, os produtores estão enfrentando sérios problemas trabalhistas, ao ponto de em certos casos também abandonarem as atividades no campo.

É importante frisar que a mão de obra é o componente do custo de produção que participa com maior peso, variando entre 50 e 60%. Durante todo o processo produtivo, a cultura da mandioca utiliza o coeficiente de 0,2 homens por hectare ano. Com este coeficiente, a safra atual de 202.000 hectares deverá empregar cerca de 40.400 trabalhadores braçais ao longo do ano.

CONTABILIDADE ECONÔMICA

Durante os últimos três anos, a exceção do primeiro semestre de 2009, os produtores de mandioca conviveram com um período sem crise, sem dificuldades de saldar suas dívidas nos bancos e com rentabilidade econômica satisfatória. Apesar dos baixos preços registrados com a comercialização do milho durante todo o ano de 2010 e início de 2011, os produtos da mandioca não foram afetados. Vale lembrar que o amido do milho é forte concorrente da fécula de mandioca, porém, desta vez, não surtiu efeito. Outro fator que contribuiu positivamente na manutenção dos bons resultados para a raiz e seus derivados foi a ausência de estoques do governo, que apesar de saídas estratégicas no momento de sua aquisição, podem prejudicar a comercialização por ocasião dos leilões desses produtos.

Na atual safra 2010/11, os preços continuaram favoráveis aos agricultores. No mês de janeiro/11 o produtor recebeu em média R\$ 269,00/t de raiz posta na indústria e, apesar das reduções registradas ao longo do semestre, o menor valor foi R\$ 198,00/t e mesmo assim ainda cobriu o custo total de produção.

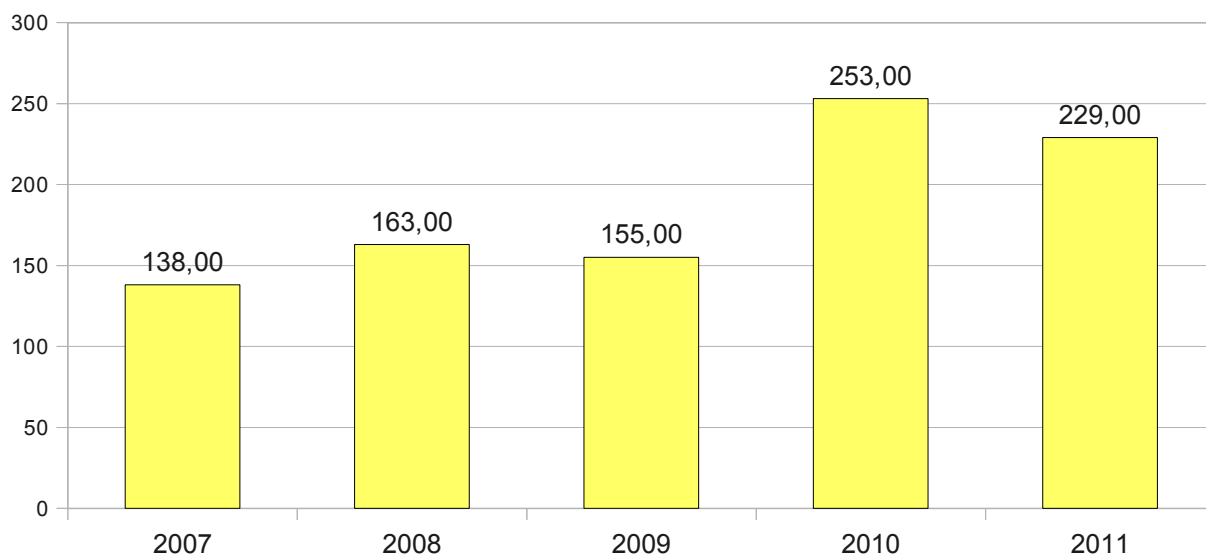
Para a mandioca de dois ciclos, com uma produtividade de 33.000 kg/ha, a rentabilidade econômica no mês de junho foi de 42% sobre o custo variável e de 13% sobre o total. Estes valores, considerando que durante o mês de julho os preços já começaram a subir, certamente influenciarão positivamente para a próxima safra de 2011/12 que está no início do plantio.

PREÇOS

Conforme já mencionado anteriormente, a cultura da mandioca trouxe resultados positivos aos produtores durante as três últimas safras. No passado recente, o principal motivo de influência no comportamento dos preços era a quebra da safra nordestina, geralmente causada pelo fenômeno das secas. Atualmente, parece que mesmo em safras normais, o mercado está favorável e este comportamento pode ser justificado pela crescente demanda industrial, principalmente pelas fecularias. Assim, o Paraná fica menos vulnerável às variações da demanda nordestina, especialmente pela farinha que se destinava àqueles estados durante muitos anos.

Atualmente, os produtores estão recebendo em média de R\$ 220,00/t de raiz posta na indústria, a farinha crua, no atacado está sendo comercializada a R\$ 45/sc de 50 kg e a fécula por R\$ 30,00/sc de 25 kg. Ao que tudo indica, a tendência para os próximos meses é de um possível aumento, uma vez que não existem estoques, o milho está com os preços em alta, R\$ 24,00 a R\$ 25,00/sc de 50 kg e a oferta de mandioca de dois ciclos está reduzida.

**GRÁFICO 3 - MANDIOCA EM RAIZ
EVOLUÇÃO NOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES
(R\$ / TONELADA)**



*Média mensal até junho/ 2011

Fonte: SEAB/DERAL

PROGNÓSTICO PARA A SAFRA 2011/12

A estimativa para o plantio da safra de 2011/12 passa necessariamente pela análise do comportamento dos preços da última comercialização. Porém, no caso da mandioca, além do sucesso prolongado durante as últimas três safras, outras variáveis como os estoques do Governo Federal que estão zerados, a instalação de novas indústrias de fécula e os altos preços do milho, convergiram para o estímulo ao plantio da próxima safra.

A cultura da mandioca é explorada basicamente em pequenas propriedades, onde predomina também o cultivo do feijão que enfrentou uma comercialização bastante conturbada, com altos estoques e os preços recebidos pelos produtores situaram-se muitas vezes até abaixo do valor mínimo garantido pelo Governo Federal. Além dos excelentes preços recebidos pelos produtores de mandioca, durante toda a safra, a notícia de aumento nas cotações internacionais do trigo também contribuirá positivamente para o próximo plantio.

Os preços do amido de milho e a farinha de trigo aquecidos, também poderão manter os bons valores conquistados pela mandioca por um período maior, uma vez que a fécula pode ser misturada às massas panificáveis e estimularia a sua demanda.

Diante do quadro favorável que a cultura da mandioca está atravessando, acredita-se que a área para a próxima safra de 2011/12 se situe em torno de 200 mil hectares e a produção na faixa de 4,5 milhões de toneladas de mandioca em raiz, ou seja, praticamente a mesma do ano passado.

Evidentemente, pelos resultados econômicos alcançados nos últimos dois anos, a área deveria crescer, porém o avanço do plantio da cana-de-açúcar nas regiões onde se cultiva a mandioca e a falta de mão de obra, já começaram a limitar a sua expansão, principalmente nas regiões do noroeste do estado.